ANO 8.º — Sexta-feira, 9 de Abril de 1915 — NUMERO 365

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . 2$50
Avulso $02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

—(*)—

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha. . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

FÓRA! FÓRA!

Fóra o governo!---é o grito que nos sáe da alma porque é um protesto contra a ditadura ultrajante.

Fóra o governo! Abaixo o governo!---é o que todos os republicanos, todos os patriotas devem repetir para que termine quanto antes a situação afrontosa que nos oprime e rebaixa.

Fóra! Fóra! E' preciso restabelecer a lei constitucional e esmagar o despotismo sem o que não póde haver paz, nem socêgo, nem harmonia.

A ditadura é um crime condenado. Um ataque aos direitos dos cidadãos. O tripudio. A ameaça. A grilhêta. Como tal, tem de acabar. A bem ou a mal, tem de acabar. Exige-o o decoro dum povo que quer ser livre, a honra das instituições republicanas. o prestigio da lei e a soberania da nação.

Basta de tirania! Reclama-o, impõe-o o bem estar do país que de mais está tolerando a extranha aventura do sr. Pimenta de Castro.

Cidadãos! No vosso proprio interesse fazei valer os principios que foram a causa determinante da revolução de 5 de Outubro. Só esses devem perdurar. Só esses devem, nem que seja pela força, manter a liberdade que um falso governo pacifista aí está calcando com aprazimento e gaudio de todos os inimigos do regimen.

Fóra! Fóra a traição e fóra os traidores!

De mal a peor

—=(*)=—

Quando nas colunas deste jornal provinciano reproduzimos o texto da carta do chefe do Estado chamando o atual presidente do govêrno para que o fosse ajudar a vencer as dificuldades politicas que então surgiam com um aspecto de gravissimas consequencias, as palavras que escrevemos a acompanha-la proviéram apenas dos nossos sentimentos de bons patriotas, porque não sacrificâmos, dizemo-lo bem alto, a conveniencias de partido ou de pessoas, os altos interesses e a dignidade da Patria.

Custou-nos, é cérto, essa atitude amargas apreciações, que, todavía, aos que nos merecem, as justificámos e defendemos.

Os factos, porém, encarregaram-se bem cêdo, infelizmente, de demonstrar que, como nós, muitos houve que se enganaram, pois quando se esperava o pulso firme e a orientação segura e imparcial do homem que deveria possuir esses requisitos pela distinção da escolha, governando apenas guiado pelo imperio formidavel da justiça—*pegando na lei e andando para deante*—eis que o vemos a enveredar pelo caminho da violencia e do despotismo, acometendo em feroz perseguição não só um partido, mas destruindo com toda a brutalidade quasi toda a sua obra verdadeiramente republicana e democraticamente liberal!

Seria isto mais que suficiente para que tivéssemos a franqueza de hoje confessar que, quanto nos pareceu a chamada desse homem um compasso de espera benéfico e salutar para acalmar o choque violento e perigoso das paixões politicas, ele representa mas é neste momento um perigo bem maior que quantos podéssem advir da passada situação.

No furor com que hora a hora, dia a dia, obstinadamente, se decretam medidas inconfundiveis dum odio implacavel contra o partido democratico, com o tôrpe aplauso dos que supõem que alguma cousa lucram nessa perseguição odienta e repugnante, não reparam aqueles, que, não podendo ser eterno o seu poder e rancor, engrandecem quem pretendem amesquinhar, na esperança de qualquer resultado benéfico que possa provir da sua vilanía, consentindo na destruição, ainda que momentanea, de toda a obra representativa do atual regimen e até do que para ele significa as suas bases mais solidas.

Como consequencia desse furor convertido em represalias, perseguições e afrontas de toda a especie, os inimigos do partido democratico enfileiram junto do govêrno, ao abrigo gracioso e acariciador da sua ditadura e eis que por toda a parte surgem conflitos, como claros e logicos sintomas de uma anarquia que naturalmente significa a consequencia fatal deste estado de delirio que se apossou dos homens do govêrno.

Dentre todos, porém, num crescendo persistente, a reacção clerical mobilisa as suas forças e á sombra duma falsa e perigosa liberdade, o govêrno, incoerente e desvairado, protege e defende as suas manifestações, abrindo assim um abismo na sociedade, avivando odios, acordando despeitos, lançando, emfim, a semente para futuras desordens, que agitarão profunda e dolorosamente a familia portuguêsa.

Pretendem que voltemos ao passado, com todo o seu ridiculo cortejo de erros e de superstições; empurram-nos estupidamente para onde provámos em 5 de Outubro que não queriamos estar; forçam-nos a aceitar como regular e justo quanto o país julgou improprio e perigoso, e dessa maneira não supomos errar, pensando que de tanta violencia resultará, por cérto, em contrario, violencias maiores.

No momento em que a fatalidade das cousas nesse campo coloque o dilêma terrivel que parece surgir de todo este redemoinho tempestuoso de odios e de egoismos, agravado sucessivamente com novas medidas de violencia e apregoadas ofensas futuras aos direitos dos cidadãos e ao prestigio da lei; nesse momento, diziamos nós, oxalá se entreabra o céo explendido do Porvir, e, com os pés nas nuvens e a fronte nas estrelas, brandindo a espada flamejante da Verdade, apareça, descendo sobre nós, com as azas abertas, a figura imensa, austera, incomensuravel da Liberdade—o arcanjo dos Povos—cingindo todos na harmonia do seu colo e derramando, a largos jorros, nos nossos peitos, o fluxo benéfico da Paz, do Progresso e do Trabalho.

O Democrata *é o jornal de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro.*

ESPANHA E PORTUGAL

—=*=—

O chefe do govêrno do visinho reino quando no domingo recebeu os jornalistas declarou que lhe parecia que tinham produzido um cérto alarme em Portugal alguns artigos e *sueltos* publicados pelos jornaes de Espanha, acrescentando que, como era natural, tinha procurado acalmar esse alvoroço, visto que o não justifica qualquer acto do govêrno.

—Tanto o Ministerio dos Negocios Estrangeiros como eu, assim o temos afirmado—acentuou o sr. presidente do conselho. Os jornaes portuguêses transcrevem esses *sueltos* e comentam-os em tom violento. Ora isto não corresponde ás relações tão cordeaes que mantemos com o povo português. Nós respeitâmos todos os países seja qual fôr o seu regimen e não nos metemos em casa alheia.

Sim senhor. O presidente Dato explicou-se bem e a tempo. Póde-se gabar que arrombou os foles aos monarquicos portuguêses...

Conspirando?

—=(*)=—

Teem-se amiudado ultimamente no distrito de Aveiro as reuniões entre monarquicos, sabendo nós duma a que assistiram para cima de 40 padres e a que não foram extranhos conhecidos titulares de via reduzida.

Tudo leva a crêr que atentas as circunstancias em que esses conciliabulos se efectuaram não foi só a questão eleitoral o unico assunto debatido e com o qual eles pretendem mascarar os seus tenebrosos planos. Nós temos até quasi a certêsa de que outro fim tivéram em vista os adeptos da monarquia dos adiantamentos, mas como a autoridade não trata senão de perseguir os republicanos deixando á vontade os inimigos da Republica, segue-se que não nos ocupâmos a chamar a sua atenção para este caso, visto que só interessa á Democracia e a quem por éla continua velando dedicadamente.

Entenda-nos quem quizer.

OS CATOLICOS

—=(*)=—

Para ninguem é novidade que os realistas chegaram a um ponto de se não entenderem sobre a maneira de levar a cabo a restauração, que uns querem que se faça seja como fôr e com quem fôr e outros opinam que ela surja duma politica de principios, capaz de empreender honestamente a regeneração do país, como se isso fosse viavel depois de tantas provas dadas mórmente nos ultimos anos de existencia da monarquia.

Mas a questão é lá com eles e o que nós queremos, o que se nos afigura digno de registo, é a opinião dos catolicos, que, por intermedio do seu orgão no Porto, *A Liberdade*, assim se exprimem quanto ao seu modo de vêr as coisas:

«O regresso ao que estava é não só a ruina definitiva das instituições monarquicas, como o seu irreparavel descredito. O que estava, como estava, era pessimo; e tão mau que seculos de historia desabaram numa sarrafusca mesquinha.

. . . .

Mas se alguem precisa de saber para onde vai são os catolicos para quem a volta ao *statu quo ante* sería a escravidão da igreja; o clero nas mãos do govêrno e dos caciques e sem liberdade para a sua missão; o horror do padre sem vocação que busca no sacerdocio um meio de ganhar a vida; é o regalismo; é o liberalismo dissolvente e invasor da esféra eclesiastica; é o cesarismo.

Não podemos, pois, voltar á situação anterior, seja o que fôr, haja o que houver.»

Descancem que não voltam. Por muito que digam, por mais fundas que sejam as desavenças entre os republicanos, estejam os catolicos descançadinhos que isto para traz não anda. Para diante, sim, que esse é o caminho. Para diante e com segurança absoluta no futuro cheio de brilho e prosperidade para a Patria estremecida, para a Republica e para a Liberdade.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

A rôlha

—=*=—

Positivamente não estâmos no tempo de Lopo Vaz, mas parece-o pela semilhança de procéssos empregados para fazer calar os comentadores da atual situação politica. E' que o ditador Castro lembrou-se de imitar aquele celebre estadista da monarquia e para isso não foi preciso mais do que imprimir uma circular e envia-la a algumas repartições do Estado proíbindo expressamente aos empregados o discutirem assuntos politicos, quer dentro das secretarías, quer fóra, isto é, publicamente!

Que faltará mais? Duvidará ainda alguem da liberdade que disfrutâmos e dos propositos em que se encontra o govêrno de *pacificação* do sr. Pimenta de Castro?

Por nós escusam de outras provas, que já percebemos tudo. O general Castro para aniquilar o partido democratico, lança mão de todos os meios persuadido de que assim completará a obra que lhe indicaram ao subir ao poder, mas engana-se redondamente. Os tempos agora são outros e a rôlha, ridicula imitação do passado, não se adapta com aquela facilidade que alguns imaginam, antes servirá para concitar contra essa tremenda vilanía a opinião que, decérto, não estará disposta a suportar semelhante afronta, uma tal excentricidade de quem supõe que tudo *lo manda*.

A experiencia está feita. Entende o govêrno que vai por bom caminho? Prosiga. Lopo Vaz e João Franco tambem assim fizéram e se não fôra isso estâmos convencidissimos que não tinham deixado nome na historia...

Milagres!...

Com as notas das ultimas marchas, cadenciadas e tristes, pesadas como uma noute de dezembro, o reportorio procissional da *estação*, que por essas ruas se exibiu sob todas as fórmas e feitios, chegando a haver, em duplicado, diversos prestitos, o que foi de grande e intima satisfação para os apaixonados do genero e para os... apostolos do progresso social, esgotou-se.

Arejaram-se os santos, as opas, os belos calções e as ricas meias que cobriam, modestamente, explendidas pernas, que, apesar de másculas, fizéram arregalar o olho, salvo seja, de muito maganão apreciador do genero... Mas não obstante o latinorio, sermões e agua benta... os que eram tórtos, tórtos estão, os que nada possuiam com nada ficáram e as piedosas *filhas... de Maria*, que já tinham cravado os dentes no pecado, continuam mordendo no fruto... proibido com aquele *enlevo de alma lêdo e cego*, que as circunstancias, muitas vezes, *não deixa durar muito*... Até nem faltou, no teatro, o padre João, engrolando com o seu latim a estupidez da sr.ª Morgada, comendo ao mesmo tempo e belo paio e o explendido dôce que ele reputava indispensavel para a salvação das... almas.

Julgando, porém, que nos não cabe sómente a missão de referir a pontualidade com que foi executado o programa quaresmal, a exibição magnificente das santas que figuram na variada e rica galeria das nossas imagens; a melodia dos canticos sacros; a arrebatadora elevação de estilo invariavelmente empregado nos belos sermões dos grandes oradores como os reverendos Pedro, Egas, Pericão e tantas outras glorias da tribuna sacra, supomo-nos tambem na obrigação de relatar vários *milagres*, louvado Deus, que por aí se déram, e que bem concorrem para o engrandecimento da religião, que vai, felizmente, confundindo com estes exemplos os herejes e *pedreiros livres* que ainda dela duvidam.

Como os leitores vão vêr, tais milagres são, na sua simplicidade, duma eloquencia inconfundivel. Pelo menos é esta a opinião, que sempre ouvimos, de dois dos conspicuos e seguros esteios da egreja: o padre Pato, outra vez á bica para vigario das Aradas e o padre Gil, prior de Esgueira, se a Providencia, nos seus altos e incompreensiveis misterios, mantiver nas esféras do Poder, o não menos misterioso o grande general Bombardão!...

Vamos, pois, á lista dos milagrosos sucéssos, que bem merecem registo especial:

Caldas da Rainha, 2—Cêrca das 19 horas, déram-se acontecimentos gràves nesta vila.

A procissão de enterro saíra do largo do Espirito Santo, ás 16 horas, acompanhada de muito povo, deu a volta á praça, seguiu as ruas Bordalo Pinheiro e Rodrigues Rocal, praça da Republica e rua da Liberdade, quando, ao passar em frente da farmacia Freitas, partiram desse estabelecimento várias alusões que escandalisaram os fieis que acompanhavam o prestito religioso.

Estabeleceu-se então borborinho, sendo presos dois empregados nos caminhos de ferro que estavam á porta da farmacia e foram conduzidos á cadeia da vila, havendo então troca de epitetos vários entre esses manifestantes e um outro grupo, ao que parece capitaneado por um tal Germano, por alcunha o *Bonequeiro*, e seguindo-se ás palavras tiros e bordoada.

Fizéram-se mais duas prisões e ficáram feridos, entre outros, João Daniel, de 23 anos, serrador, com duas balas, uma no pescoço e outra no vazio e Francisco Coelho Cesar, sapateiro, de 27 anos, com duas balas na cabeça.

Enquanto os feridos eram socorridos, levando os outros populares a receber os primeiros curativos á farmacia Central, um grupo dirigiu-se á farmacia Freitas, onde tudo ficou destruido, bem como o mobiliario da residencia do farmaceutico no 1.º andar.

Nesse momento, do telhado do predio foram lançadas quatro bombas sobre a multidão, havendo ferimentos. Foram tambem disparados tiros.

Entre os feridos nessa ocasião contam-se Augusto Paramos, filho do proprietario do Hotel Lisbonense e Antonio Gaspar, atingidos por estilhaços de bombas e Alvaro Prudencio, com uma bala numa perna.

Um dos feridos já faleceu no hospital de S. José para onde fôra conduzido.

Lisboa, 2—Aproveitando as visitas dos devotos ás igrejas, os gatunos fôram ontem *piedosamente* exercer nelas a sua profissão, surripiando alguns objectos e dinheiro. Dos roubados queixaram-se á policia Augusto de Miranda Gomes Gaio, hospedado no Hotel Continental, que ficou sem uma medalha com brilhantes e David da Silva Amaro, residente na rua Antonio Maria Tavares a quem empalmaram uma carteira com 100 escudos.

Ha muitas outras queixas de que a policia tomou conhecimento.

Loures, 2—Pelas 17 horas de hoje chegou aqui, fugida de Louza, uma familia composta de pae, mãe e tres filhos, que moravam ali, numa casa pertencente á junta de paroquia.

O povo de Louza, amotinado por vêr fechada a igreja, tentou assassinar aquela gente, não sabemos por que razão.

A pobre familia, cujo chefe é o sr. João Serralheiro, está aqui a bom recato.

O administrador deste concelho foi a Louza, mas não poude acalmar os animos.

Gondomar, 31—Na igreja de S. Cosme, no domingo, quando se estava á missa e á solenidade da benção do ramo, uma vela pegou fogo a uma cortina de um altar. A igreja estava cheia de fieis, que se tomaram de panico e, querendo todos saír, atropelaram-se, havendo diversas fracturas, desmaios, etc. O fogo não teve consequencias de maior, ardendo só a cortina. No local os bombeiros desta localidade compareceram prontamente não chegando a trabalhar.

Murcia, 3—Hoje, durante a procissão, um hortelão que assistia á passagem, referindo-se ás bombas, que é de uso fazer estalar, disse em voz alta—cuidado com essas bombas! Tanto bastou para se estabelecer um panico enorme, havendo correrias, gritos e sustos. Muitas pessoas foram atiradas ao chão e pisadas, ficando bastantes feridas e algumas gràvemente.

Sevilha, 3—Um padre que requestava amorosamente uma linda rapariga, como esta o repelisse, fez fogo sobre um operario que a pretendia defender da perseguição do amoroso sacerdote, apesar do reconhecimento que o dia impunha—sexta-feira da paixão.

Tendo praticado tal feito, voltou de novo a perseguir a rapariga e como esta mais uma vez não quizesse aceitar a côrte, o ministro de Deus puxou duma navalha e feriu doidamente aquela que pelo seu amor manifestava um tal desprezo.

Depois fugiu, mas logo foi preso pelas pessoas que passavam, as quaes, ao saberem que se tratava de um sacerdote o pretenderam linchar.

Ancião, 2—Hoje, na igreja de S. Tiago da Guarda, freguezia pertencente a este concelho, deu-se uma grande desgraça, que causou a mais profunda magua, ali e nas terras em redor, onde a noticia chegou rapidamente, levada por gente verdadeiramente horrorisada pela cêna que acabava de presencear.

Foi o caso que, pelas 16 horas, pouco mais ou menos, estando a realisar-se naquele templo a cerimonia da Paixão, e no momento em que o padre prégava o sermão apropriado ao dia, perante uma grande multidão de fieis, desabou repentinamente, com um ruido enorme e sinistro, o côro da referida igreja, onde estavam muitas pessoas, as quaes foram arrastadas com os destroços, vindo tudo aquilo caír pesadamente sobre os populares que em baixo, naquele ponto, ouviam o reverendo prégador.

A confusão foi medonha e os gritos eram lancinantes, não só os dos feridos como os daqueles que foram testemunhas da enorme desgraça.

Depressa se organisaram os socorros, verificando-se que haviam ficado feridas umas cem pessoas, muitas delas gràvemente, havendo braços partidos, rostos esfacelados, espinhas fracturadas, um horror!

Alguns destes infelizes foram levados para o hospital, num estado lastimoso; outros, menos gràvemente atingidos ou mais animosos, recorreram á farmacia, seguindo depois para suas casas.

Anadia, 31—Houve no passado domingo nas Lezirias, deste concelho, a tradicional festividade conhecida por *sermão do encontro*. Entre os religiosos estava um individuo armado, de nome Antonio Gomes, com o intuito de melhor defender o acto, Quando, porém, descia do ponto em que tinha prégado, o padre Cruz e Costa, a espingarda caíu no chão e, disparando-se, atingiu o dito padre e uma rapariga menor, cada um em sua perna, encontrando-se ambos gràvemente feridos e preso o portador da arma, o qual já se acha na cadeia desta vila, por tambem não possuir a respectiva licença.

Para confundir herejes basta de citações mesmo para tal chegaria esta ultima que é de bota abaixo, louvado Deus...

Aí... maldizentes!

Aí... incrédulos duma figa!

Trabalho forense

Oferecido pelo nosso particular amigo sr. dr. André Reis, que passa por ser um dos mais honestos e conscienciosos advogados da comarca de Aveiro, acabâmos de receber um opusculo contendo as alegações finaes numa questão de aguas em que interveio por parte dos RR. e que tanto na primeira instancia como na Relação, foi julgada improcedente.

Os nossos parabens ao dr. André Reis pelos novos triunfos alcançados na sua já longa carreira da advocacia.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

Mala misteriosa

QUE DETERMINA DUAS BUSCAS: NA CASA DO OFICIAL DO REGISTO CIVIL E NA CONSERVATORIA

O FARO DA AUTORIDADE

Vamos bem, vamos mesmo muito bem e a avaliar pelo principio calculâmos já o que virá a ser mais daqui a algum tempo, quando estivérmos a menos dias das eleições, a politica nefasta do nefasto govêrno do sr. Pimenta de Castro.

Por ser republicano e estar filiado no partido democratico foi transferido para Vila Real o 2.º aspirante dos correios, João Augusto Rosa; a seguir surgiu a espionagem á roda de vários elementos desse partido, e, como era logico, viéram as buscas domiciliarias, que já começaram na quarta-feira aos primeiros alvores da manhã em que têve de levantar-se para receber a policia e o regedor da freguezia o oficial do registo civil, Joaquim Fernandes Martins, sobre quem recaíu a suspeita de ter recebido uma mala com armas de fogo e bombas não sabemos porque carga de agua.

Os argus policiaes que lhe cercavam a habitação, entraram por fim. Viram, mexeram, apalparam, pediram desculpa e... saíram. Poucos momentos levou a deligencia porque a casa é pequena e parece que desde logo se reconheceu a impossibilidade da perigosa mala ter lá dado entrada. Pelo menos disso até a visinhança, alarmada com o aparato bélico, se capacitou, pelo que a autoridade têve esta luminosa ideia—se a mala não está em casa, procure-se na repartição.

E ás 10 horas as mesmas personagens apareciam junto da Conservatoria á espera que o sr. Joaquim Martins lhes facultasse a entrada. Subiram. Olharam em roda, cheiraram, viram, mexeram, apalparam, pediram desculpa e... saíram. Da mala, nem vestigios. O fiasco completara-se com uma suposição que é tudo quanto ha de mais disparatado. Mas serviu para demonstrar sem sombra de duvidas o que espera os republicanos se uma acção decisiva não viér pôr côbro á vergonha que sobre o país pésa em face dos abusos do Poder e quando tudo aconselhava a que outra fosse a atitude dos homens em quem o sr. Presidente da Republica confiou a missão delicada de conseguirem a paz entre os politicos malavindos.

Manifestam-se assim os efeitos da ditadura por perseguições e vexames de toda a especie. Nada se respeita já e por as informações que temos grandes surprêsas se hãode vêr lá mais para ao deante.

Contudo o nosso protésto não ficará por lavrar. Contra a ditadura e contra os ditadores encontrar-nos-hão no nosso posto, no cumprimento do dever que os principios nos impõe, ainda que para isso tenhâmos de arrostar com as iras e as perseguições do regimen infame a que a politica sectaria dos partidos nos conduziu.

Vamos lá a vêr se o arbitrio triunfa, se a monarquia se restaura.

Vamos a vêr...

VENHA UM DONO

—(*)—

Cunha e Costa, aquele famoso troca-tintas que todo o país conhece, cujo cinismo já o levou a dizer em publico, ali no Teatro Aveirense, que com as mãos, com a bôca e com o cérebro ganha o que quer, quando quer e como quer, reclama agora no orgão do Banana que é indispensavel um dono para as hostes monarquicas, mas que êle venha bréve, depressa, como se depreende dos seguintes periodos que a titulo de méra curiosidade passâmos a reproduzir:

. . . .

«Qual será, porém, o *modus faciendi* déssa organisação? Essas cousas defendem-se, depois de feitas, mas não se assoalham antes de gisadas. Em ultimo caso essa organisação poderá resultar do gesto audacioso e belo de quem não tenha medo ao ridiculo. O *medo do ridiculo*, neste país de Panurgio, anula as melhores iniciativas.

Eu, se a vida profissional me não absorvesse, organisava o partido. Possuo, para isso, á falta de outras, uma qualidade preciosa: sou, por egual, insensivel á liberdade e ao aplauso e tenho pela *intriga politica* o mais absoluto desdem. Além de que, tendo-me a vida faltado ás suas melhores promessas, não lhe ligo mais valor do que á mortalha de um cigarro.

No primeiro dia, cobriam-me de chufas; no segundo dia, cobriam-me de lama; a partir do terceiro, a inevitavel reacção sentimental do país, ajudada com meia duzia de safanões aplicados a preceito, levariam a obra a porto seguro. Em bréve trecho, a necessidade inadiavel da organisação ter-me-ia trazido á formiga, mas quasi automaticamente os elementos necessarios. Nésssa altura poderia retirar-me, tendo deixado o partido organisado.

As circunstancias da minha vida não me permitem essa Africa mas dou a penna, mas dou a palavra ao homem ou grupo de homens que o queiram tentar. E dou tambem o exemplo da disciplina e da obediencia. A organisação mais precária é preferivel a nenhuma. *Venha uma direcção, seja qual fôr*, e terá aqui um soldado disciplinado. Venha o sr. Campos Henriques, venha o sr. Wenceslau de Lima, venha o sr. José de Azevedo, venha o sr. Luiz de Magalhães, venha o sr. Aires de Ornélas, venha o sr. João Arroio, venham os srs. Antonio Cabral Metelo e todos os ex-marechaes progressistas, venham os srs. Antonio Centeno e João Pinto dos Santos, venha o sr. conde de Bertiandos, venham antigos regeneradores, progressistas, dissidentes, franquistas, nacionalistas, porque a ordem não está tão rica que se possa deitar fóra seja quem fôr de talento, energia e bôa vontade.

Venha quem vier, que tem aqui um soldado. Mas, com seiscentos demonios, *venha alguem!* E, se não vier, então passem muito bem, que tenho mais que fazer. Vou nos quarenta e oito e ainda não soube de que côr é o dinheiro do Estado. Da politica só colhi desastres. E não posso perder tempo. Monarquico para agradar a *snobs*, *nunca*. Não frequento *snobs*; êles é que me frequentam quando precisam de mim. Ou *a Monarquia é a Patria* e ha que unir *já, já*, fileiras em volta da sua bandeira, ou é um pretexto para fazer boquinha e pôr os olhos em alvo, e, nesse caso, escusa de contar com este seu creado.»

Viram? Lêram? O homem quer um dono, seja êle quem fôr, venha êle donde vier. Pois hade tê-lo. E visto que não escolhe hade ser mesmo o correligionario do *Pulha de Aveiro*, unico nas condições de poder organisar o tal partido realista pela confiança que a todos deve inspirar a sua acrisolada fé monarquica...

Um dôno! Venha um dôno quanto antes senão o Cunha raspa-se...

CARTA

—(*)—

Castélo de Paiva, 5—4.º—915

Sr. redactor de *O Democrata*

Em correspondencia de 27 de março ultimo, era eu alcunhado anonimamente de ter posto os ideaes de republicano e livre pensador ao serviço do estomago, abandonando os velhos companheiros de luta e pondo-me á disposição dos monarquicos. Como gostei sempre e continuo gostando de situações definidas, venho apelar para a sua lealdade, sr. redactor, permitindo-me que levante o véu da calunia que sobre mim pésa infame e preversa.

Eu reconheço no concelho tres velhos republicanos combatentes e meus companheiros. Destes, na luta travada, um enfileirou ao meu lado; dois ao lado dos meus adversarios. Ficámos, como se vê, dois de cada lado. Reconheço ainda republicanos que—monarquicos até 5 de Outubro—aderiram á Republica. Reconheço tambem outra camada de republicanos, a camada dos traidores, aquela camada que sendo republicana no tempo da monarquia, trocou as convicções pelos interesses, vendendo-se ao conde de Paiva que lhe pagou generosamente a traição torpe, rindo-se ironicamente, como nós, enojados, nos rimos de todos os traidores. Servidos, pontapearam o protector que os tinha coberto de favores e viéram novamente para a Republica. Não escorracei os primeiros nem tagatiei os ultimos. Abri as portas a todos e, como estes me impozéssem que só eles deviam ser aceitos, respondi-lhes que os encomodados tinham um caminho a seguir apenas: retirarem-se. Assim fizéram, hostilisando-me deslealmente.

Ficáram comigo os que tinham sido monarquicos, mas que nunca tinham traído a Republica. Entre estes havia catolicos? Tambem entre os outros os havia. Ao tomarem posse da câmara—e não podiam deixar de ser eles os eleitos, visto que sempre tivéram e hão-de ter os votos—felicitaram os ex.mos governador civil, ministro do Interior e presidente do conselho que então era o eminente estadista dr. Afonso Costa. Podiam traír os seus juramentos feitos assim por escrito? Podiam. Mas tambem os outros os podiam traír e com muito mais facilidade, visto que já tinham traído uma vez a Republica e o Livre Pensamento, chegando um deles até a escrever um discurso de elogio ao bispo do Porto, a quando da visita pastoral a este concelho.

Traído, perdi porventura eu as minhas qualidades de republicano e de livre pensador? Não.

Fui tão digno e tão correto que nem ao menos, por conveniencia politica, me mascarei quando tinha a meu lado a facção que o meu caluniador alcunha de reaccionaria. Nessa época escrevi e assinei vários artigos no jornal anti-clerical portuense *O Amigo do Povo*, artigos sem brilho e sem arte, é cérto, mas taes que, pela sua violencia e pelos assuntos debatidos, definem bem as minhas ideias sobre politica e sobre religião, no periodo que sou acusado de traidor.

Se eu tivésse traído os meus ideaes, tinha agora bôa ocasião para me anichar, vivendo regaladamente, sem canceiras. Ficaria, perante a lei, como oficial interino do registo civil, logar que vou perder, porque não curvo o dorso da minha intransigencia. Fico sem pão porque quero, mas fico digno e imaculado, porque me não vendo. E fico digno e imaculado ainda, porque a traição não mancha o traído.

Põe em duvida o meu caluniador as minhas qualidades de republicano velho e sacrificado? Quer as provas? Declare o seu nome. Só assim podemos medir a nossa honra e a nossa dignidade. Só assim podemos confrontar os nossos documentos de republicanos, se é que o somos ambos. Não o fazendo, estou no meu direito pleno de o julgar um monarquico ou um traidor disfarçado em republicano, combatendo-me, porque sou democratico, e aplaudindo a atual autoridade administrativa, conspirador confesso—dizem-no os jornaes sem desmentido—que aqui, a favor dos reaccionarios, tem calcado a lei aos pés, afrontando vilmente os republicanos e os livre pensadores.

Mas para esse... apenas adulações e louvores. Para mim, que não pratiquei nem a sombra do que ele está praticando... a calunia.

Fico sciente.

Nicolau da Cunha Lobo

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

KERMESSE

Na séde do visinho concelho de Ilhavo inaugurou-se no domingo uma atraente *kermesse* promovida por um grupo de gentis tricaninhas da localidade e cujo produto reverte a favor duma instituição de beneficencia por élas creada e patrocinada.

O festival têve logar á noite na Praça Alexandre da Conceição, profusamente iluminada, abrilhantando-o a musica velha sob a regencia do sr. Diniz Gomes. Queimou-se bastante fogo do ar e foi vendido um numero unico intitulado *A Caridade*, em que vários ilhavenses colaboram.

A *kermesse* continuará nos domingos seguintes.

Notas mundanas

Nos jornaes do Rio de Janeiro vêmos que chegou de perfeita saude á grande capital dos E. U. do Brazil, o nosso presado amigo, sr. dr. Avelino Rodrigues, recentemente nomeado consul de Portugal em Belo Horisonte.

A colonia prepara-lhe festiva recepção.

= Esteve no domingo em Aveiro com sua esposa o sr. Alexandre dos Prazeres Rodrigues.

= Consorciou-se no sábado com a menina Maria Manuéla Ferreira da Silva, estremosa e galante filha do nosso amigo sr. José Casimiro da Silva, muito digno director da Escola Normal, o sr. Elisio Ferreira, de Carvalhal, concelho de Agueda, mas ha anos residente nos E. U. do Brazil para onde volta dentro em bréve com sua esposa.

Testemunharam o acto civil, que se efectuou em casa dos paes da noiva, como padrinhos, as sr.as D. Maria Casimiro da Silva e D. Corina da Costa Leal e os srs. Joaquim Ferreira da Costa e Alberto Casimiro da Silva, seguindo-se-lhe um copo de agua familiar com brindes pelas prosperidades do ditoso par.

= Tambem se uniram pelo matrimonio a menina Maria da Apresentação Lé, filha do antigo capitão da marinha mercante, sr. Joaquim dos Santos Lé, com o sr. Adolfo Marques de Oliveira, natural de Calvães, freguezia de Alquerubim, que desempenha as funções de ilectricista em Lisboa.

Aos nubentes, sincéros parabens.

= Está no Corgo-Comum a passar alguns dias com sua familia o nosso amigo, sr. João Pedro Soares.

= Agravaram-se os padecimentos do sr. Placido Pereira, empregado dos correios.

= Entrou em convalescença o sr. João Pinto de Miranda cujo estado lhe permite já andar a pé.

= Com curta demora acha-se em Aveiro o nosso conterraneo sr. Antonio F. Pacheco, ha pouco regressado da Beira.

= Egualmente aqui viéram os srs. Manuel Maria Tomaz, da Palhaça; M. S. de Oliveira, do Paço e Ventura Simões Aidos, industrial em Agueda.

= Chegou ontem a esta cidade donde esteve ausente, por motio de doença, durante alguns mezes, o nosso presado amigo sr. dr. Alfredo Nobre, conservador do Registo Civil.

Damos-lhe um afectuoso abraço de bôas vindas.

JULGAMENTOS

Ainda não concluiu na quarta-feira, ficando adiado para o dia 11 de Maio, o julgamento de Manuel dos Santos Coutinho e filho, da Povoa do Valado, acusados de tentarem destruir os tanques da localidade e de desrespeito á autoridade.

Os arboricidas, esses, encontram-se desde ante-ontem quites com a justiça visto serem absolvidos por se provar que obraram como instrumentos da junta de paroquia e a questão de posse do terreno andar em litigio entre este corpo administrativo e a câmara municipal.

Por Azemeis

—=(•)=—

Ao "conspicuo„ conservador do registo predial da comarca de Oliveira de Azemeis e advogado, dr. Bento Guimarães

Senhor doutor:

Ha muito tempo que eu acreditava que V. Ex.ª, como advogado dos seus constituintes, empregava o melhor da sua inteligencia para os defender como sabia e podia. Com mágua minha venho dizer-lhe que mudei de opinião.

V. Ex.ª para a defêsa dos seus constituintes, á falta de argumentos, calunía.

V. Ex.ª para ter jus á espórtula da sua clientela, trapaceia.

Um acaso poz-nos em frente um do outro. Eu como juiz, V. Ex.ª como advogado. Quando eu, dando uma sentença pensava que ela sería mal recebida, porque uma das partes hade ficar sempre mal contente com uma sentença em processo civel, mas dentro dos limites da cortezia e sem agravo ou recurso para o tribunal superior, ao abrigo das inumeras faculdades que a lei confére a toda a gente, V. Ex.ª lançou aos quatro ventos o anátema contra os Juizes de Paz, e deseja a sua compléta extinção.

Não serei eu que obste a esse desejo de V. Ex.ª porque não faço do lugar modo de vida. Nem tampouco eu discutirei a vantagem ou desvantagem de tal medida nem esse desabafo de V. Ex.ª me obrigaria a vir para um jornal se um facto posterior, cometido por V. Ex.ª em pleno tribunal judicial desta comarca, a isso não tivésse dado causa. V. Ex.ª não teve pejo em declarar perante o Ex.mo Senhor Juiz de Direito que eu tinha cometido uma ilegalidade no processo em que V. Ex.ª é advogado duma das partes. Se ha ou não ilegalidade não é a V. Ex.ª que compéte dize-lo.

Sobre isso não tenho mesmo de dar satisfações a V. Ex.ª.

Como Juiz de Paz goso da mesma independencia que qualquer magistrado.

Eu só venho aqui para lhe dizer que a ninguem admito, e muito menos a V. Ex.ª, que ponham em duvida a minha honestidade seja como simples cidadão seja como Juiz de Paz. V. Ex.ª é, de toda a gente que eu conheço como funcionarios publicos, o que menos autoridade moral tem para chamar ilegal seja ao que fôr.

V. Ex.ª é conservador do registo predial.

Pois bem: a repartição a cargo de V. Ex.ª é um cáos. A propriedade particular neste concelho anda á mercé dos interesses ou da incompetencia de V. Ex.ª.

Um conselho lhe dou: ponha de parte os seus inumeros afazeres como advogado, que quer ganhar causas, insultando, para se dedicar unica e exclusivamente á repartição de que é chefe para que aquilo seja o que deve ser e para que o povo tenha confiança numa instituição, que, creada para garantir os seus direitos, de tudo tem tratado menos disso.

Pinheiro da Bemposta, 31 de março de 1915.

Abilio Henriques Martins
Juiz de Paz

QUADROS TRISTES

A crise no Brazil

Os que não teem trabalho e dormem ao relento enchem os bancos dos jardins cariocas, invadindo a propria Policia Central

Do nosso compatriota e obsequioso correspondente especial no Rio de Janeiro, sr. J. Fernandes Tavares acabamos de receber alguns instantaneos representando vários quadros de miseria observados na grande capital fluminense e que em absoluto confirmam o que de ha muito e constantemente se vem repetindo sobre a grande crise que vai pelo Brazil a ponto de chegar a ser um dos maiores erros pensar, na atual conjuntura, em ir colher proventos onde a fome existe e a falta de trabalho é cada vez mais acentuada.

As fotografias veem acompanhadas de alguns numeros de jornaes, onde se encontram desenvolvidas noticias ácêrca da situação aflitiva de milhares de pessoas, exprimindo-se da seguinte fórma, a esse respeito, o *Correio da Manhã*, que désta maneira escreve:

A miseria no Rio deve ser a preocupação mais viva do nosso atual momento administrativo. Os jornaes registram diariamente as cênas tristissimas dos abandonados da vida, que vivem nésta capital. Chamam-lhes *sem trabalho*. Se eles andam por aí, á mercê da sorte, dormindo pelos jardins abertos e pela via publica, enquanto a solicitude dos guardas não os faz perambular a pé, até que o dia amanheça e eles se possam confundir com o resto da população carioca, no anonimato do nosso grande movimento. Ha os que procuram o esconderijo das ruas desertas, ao pé dos morros, e os que se abrigam sob as ruinas dos predios demolidos. O recente fechamento de algumas fabricas tem fornecido um enorme contingente, ao numero desses desamparados. Muitos procuram a proteção da chefatura de policia, e, diariamente, o dr. Osorio de Almeida Junior, 2.º delegado auxiliar, por ordem do dr. Aurelino Leal, expede centenas de passes gratuitos aos que se retiram para ganhar a vida no interior. São os que querem trabalhar, os que demandam a lavoura do campo para a propria manutenção o sustento da familia. Em todo o caso, a maioria fica por aqui, por indolencia ou amor á *urbs*, e nós vêmos todas as noites esse quadro doloroso da necessidade humana. Não ha um recanto no Rio, onde éssa nova especie de vagabundagem não se abolete, aumentando a estatistica da criminalidade carioca. A Avenida Rio Branco e as suas adjacencias constituem um dos pontos preferidos, na zona compreendida pelos fundos da Escola de Belas Artes, Bibliotéca Nacional, todo o antigo largo da Mãe do Bispo e os terrenos onde outr'ora se ergueu o secular convento da Ajuda.

O dr. Silvestre Machado, delegado do 5.º distrito, teve, ha tempos, a lembrança de acabar com essa imensa e livre *hospedaria*, ao relento. Mandou, assim que désse meia-noite, que os guardas civis e praças da Brigada rondantes virassem todos os bancos de pernas para o ar, não consentindo que as centenas de pessoas, que neles costumam esperar o dia seguinte, os colocassem de novo no logar, para nêles se instalarem. Foi um trabalho insano! Houve até conflitos e luta á mão armada pela posse dos preciosos banquinhos. Aquéla gente, que não tinha onde dormir, argumentava que esses assentos estavam ali por disposição da Prefeitura, para descanso e recreio do publico. O delegado do 2.º, pela voz dos seus homens, respondeu que *descanso e recreio* não queriam dizer que fossem albergues. E o incidente tomaria proporções maiores, se a referida autoridade não voltasse atraz, permitindo que os bancos ficassem no seu logar devido, para satisfação dos reclamantes. Fomos percorrer essas novás *hospedarias* dos que não têm casa e dormem por aí, ao léo da vida, sem saber o que fazer no dia seguinte, amanhecendo e anoitecendo com a idéa raza, longinqua e nostalgica disso que se chama almoço ou jantar. Dóe o coração a cêna déssa miseria! Vimos muitos homens trajando regularmente, cuja decencia de dia não dirá das humilhações que eles passam á noite. E, parece incrivel, a maioria é de nacionaes! Gente que veiu do norte ou do sul tentar a vida e que aqui falhou, reduzindo-a a todas as necessidades. De muitos a quem falamos, perguntando porque não iam para fóra, para o interior, experimentar o trabalho das fazendas, ouvimos esta resposta:

—Se aqui no Rio a coisa está assim, se não se ganha nada na maior cidade do Brazil, onde ha vida e ha dinheiro, que dirá pelo sertão. Fóra daqui, tudo está peor...

Raramente se encontra uma mulher. Os *sem trabalho*, que perambulam no Rio, sem morarem propriamente, são todos adultos e creanças. Os homens facilmente entram pela porta do crime, onde pretendem prover-se de recursos para viverem, e as creanças seguem a escola da vadiagem, habituando-se, desde cedo, á promiscuidade nociva.

A propria Policia Central é um reduto dos desamparados. O amplo pateo interior do palacio da chefatura, á rua da Relação, enche-se durante toda a noite de centenas de homens e creanças que ali vão dormir. Entram pouco antes da meia-noite e sáem pela madrugada. Agasalham-se sobre a grama e roncam a noite inteira, vigiados por uma turma de guardas-civis.

Ontem, na visita que lá fizémos á hora em que o pateo regorgitava, ouvimos um pobre diabo dizer, apontando para os xadrezes da Policia Central:

—Aquêles, ao menos, têm o repouso garantido e as autoridades do meu país, que os meteram ali por qualquer crime que êles praticaram, não os deixarão morrer á fome. Eu, que sou um homem de folha corrida e trabalhador, ha dois dias que não como, porque não ganho um vintem! A vida é assim mesmo...

Os pedidos de comida nos *bars* e *restaurants*, á hora em que essas casas se fecham, aumentam extraordinariamente, havendo noites de verdadeiras romarias dos que pedem, pelos fundos dos estabelecimentos, os restos de almoços e jantares de que outros, mais ou menos regaladamente, já se fizéram servir...

O problema para o govêrno resolver, como se vê, é muito sério. Não é só pelo aspecto horrivel que o Rio, uma das maiores capitaes sul-americanas, apresenta á noite. Se a lavoura e as colonias agricolas do interior se resentem de braços, aí está essa gente que precisa e quer trabalhar. Lucrarão eles com a mudança de regimen, e a sociedade carioca não se queixará mais tarde de muitos atentados cometidos talvez contra a sua vida e a sua propriedade.

Prevenir a criminalidade, como se sabe, é muito mais pratico do que reparal-a.

Como aviso aos emigrantes supomos que nem tanto era preciso, tão claro o *Correio da Manhã* se apresenta a narrar o que se passa.

Uma grande calamidade por toda a parte!

CARTA DE ANADIA

—=(•)=—

Na Semana Santa
Uma revelação divina

Em 4

Estive em Aveiro na sexta-feira que para os catolicos é santa. Depois dos meus afazeres e enquanto não chegava a hora do comboio, lá me confundi com os catolicos e os indiferentes, como eu, na visita ás duas igrejas da cidade. Composto e respeitoso, dei ingresso nos templos, precisamente no momento em que se procedia á cerimonia da adoração da cruz.

Sem querer ocupar-me a mexer num acto que, para o raciocinio catolico tem a justifica-lo a necessidade de representar uma tragedia em que os padres e os homens matam o seu Deus para o fazer ressuscitar ao terceiro dia, mostrando com todo aquele aparato liturgico e tragico, um milagre e um mistério, eu só direi que aquilo já não é nada para o que foi em outras épocas e que se descontentarmos os que ali vão por curiosidade, ou para vêr e admirar as carinhas lindas e bem feitas das tricaninhas, pouca gente concorre áqueles espectaculos que nada devem agradar ao bom Deus dos crentes.

Na verdade, afóra os curiosos e os indiferentes, as casas de oração estariam ás moscas. Foi naqueles poucos momentos que eu me recordei de invocar o divino Redemptor, para que me revelasse o que o deus dos deuses pensava de todos aqueles crimes que no mesmo dia e quiçá á mesma hora, os padres e alguns homens estavam cometendo, na pessoa do divino mestre.

—Ó! Não te assustes, nem te admires. Isto aqui não é nada —me revelou o ente eterno e divino. Se queres vêr e admirar os horrorosos maus tratos que me fizéram ontem e me estão fazendo nesta hora, vai a Ovar e a Agueda, que não é daqui muito longe, e então avaliarás as infamias de que são capazes os miseraveis que ha mais de dezenove seculos se apossaram de mim! Eu que tão bom e modesto fui durante o tempo em que estive no meio dos homens; eu que préguei o amor e a virtude, que nunca fui brigão nem desordeiro; eu que em minha vida só entrei uma vez nestas casas—o que, se bem me recordo, foi quando expulsei os vendilhões do templo, que com a minha palavra e as minhas doutrinas estavam comerciando — estou constantemente sendo vitima desta vilanagem! Apossaram-se da minha doutrina para a prostituirem, e do meu corpo para o estrangularem! Ó! que dôres, que horrorosos sofrimentos eu estou sentindo neste momento!... Não posso, não posso... Ah! que se eu pudésse ou fosse vingativo descia agora até á terra e expulsava-os de novo!... A chicote? A vergalho?! A ponta-pé? Que me importava a mim que fosse a chicote, a vergalho, ou a ponta-pé? Não merecem eles toda a força, todo o pêso da minha réta justiça?

E, ao findar todos estes queixumes, o bom Deus, o pae de todos os homens, o ente bom, tão bom que, já na cruz, pediu perdão para os seus algozes, sendo este seu ultimo gesto, esta sua ultima vontade, uma tremenda condenação dos que assulam ignorantes e os levam a espancar os que pensam de modo diferente ou os que se revoltam contra o misero interesse que move os hipocritas que fazem profissão de vender e trocar ameaças de eterna condenação, o bom Deus, diziamos, foi-se do nosso espirito, creio que para ir assistir, com a sua divina presença, a outro espirito que naquele instante o invocára.

Gomes Junior

ELE...

Lê-se num periodico portuense:

Na extinta *Restauração* colaborava alguem que firmava os seus artigos de critica politica com o pseudonimo de *Lord Henry*, personagem que o talento maravilhoso de Oscar Wilde imortalisou. Na *Ideia Nacional*, o mesmo escritor continua a assinar artigos semelhantes aos da *Restauração*. Quem é o misterioso jornalista que por essa fórma oculta á admiração dos seus concidadãos o verdadeiro nome? Dizem que o sr. Alfredo Pimenta, que por muito tempo foi o articulista principal da *Republica*. Não póde restar duvida de que está por pouco a adesão á monarquia do conhecido republicano.

Até já tarda. E pena é que outros do mesmo estôfo o não acompanhem em tão peregrina abalada.

O *Bichêsa*, o *Flautas*, o *Pilécas*, por exemplo, que teem pelo menos tantas convicções como o tal Alfredo Pimenta.

TESTAMENTO

O sr. Antonio da Silva Mélo Guimarães, natural désta cidade e cujo falecimento noticiámos no n.º anterior, tendo casado com D. Joana Angelica de Mélo, nomeou seu filho Crisanto unico herdeiro, a quem pertencerão os bens, direitos e acções, que constituirem a sua meação no seu casal. Podendo, porém, dispor livremente de metade de tal meação, pelas forças déssa metade, determinou o seguinte: trezentos escudos á Mizericordia de Aveiro; cincoenta escudos para serem distribuidos em esmolas aos pobres de Aveiro, residentes nas duas fréguezias da Senhora da Gloria e da Vera-Cruz; quatrocentos escudos a seu irmão David; vinte e cinco escudos á sua prima Rosalina Olimpia de Freitas, de Esgueira; outros vinte e cinco escudos á Irmandade do Senhor dos Passos, da egreja da Senhora da Gloria, em Aveiro; outros vinte e cinco escudos á egreja de Santo Antonio, da mesma cidade; cem escudos ao seu amigo Alfredo Miguel Pena, empregado superior da antiga casa Silva, Beirão, Pinto & C.ª, de Lisboa, para comprar um alfinete de gravata, que lhe sirva de lembrança dos serviços que lhe tem prestado; cincoenta escudos ao sr. Caetano Marques de Almeida e Cristo, como sinal de reconhecimento pelos seus serviços; quinze escudos ao sr. Luiz de Matos, empregado daquêle, tambem como sinal de reconhecimento; duzentos escudos para serem distribuidos em partes eguaes ás filhas que á data do falecimento dêle, testador, existirem, de D. Leontina J. de Almeida, residentes no Porto, na rua do Bomjardim, n.º 1079-B, de nome D. Izabel, D. Alice, D. Leontina e D. Olga; á bibliotéca do Muzeu de Aveiro, todos os livros que eram de seus irmãos Joaquim e Manuel, alguns dos quaes teem honrosas dedicatorias de brazileiros e portuguezes ilustres, recomendando que esses livros sejam enviados ao sr. Marques Gomes. Do dinheiro depositado na Caixa Economica Portugueza, sessenta escudos representam o saldo de uma subscrição que promoveu no Rio de Janeiro para reparação da capela da Senhora da Conceição, eréta na egreja da Senhora da Gloria, de Aveiro, pelo que esses sessenta escudos devem ser entregues á administração da mesma capela. Os legados que institue serão pagos dentro de um ano, a contar da data do seu falecimento, em moeda legalmente corrente no país a esse tempo, e todos inteiramente livres de contribuição de registo, ou de qualquer outro imposto, o que tudo será pago pelo remanescente da sua herança.

Por falta de espaço ficam-nos por publicar alguns originaes do que pedimos desculpa aos seus autores.

Só agora?

O Mundo, ainda que muito tardiamente, reconheceu, afinal, que quantos apontavam o bojudo sr. Alpoim como incapaz de merecer a confiança dos sincéros republicanos, tinham razão de sobejo, apesar de todos os aparentes serviços á liberdade e á sonhada democracia do referido jornalista.

Politico bifronte—republicano com a monarquia, monarquico com a Republica—ambicioso e astuto, apesar de todos estes requisitos exclusivamente por ele empregados em especiaes ocasiões, era cérto mais dia menos dia que vez lhe caísse a velha mascara com que tantas e tantas vezes escondeu e disfarçou os seus maquiavélicos intentos, manifestados em tão desleal proceder.

O Mundo o confessa, e ainda bem.

Julgando o sr. Alpoim pelas aparencias e até por determinados serviços reputou-o incapaz duma traição, duma deslealdade ao novo regimen, que o não molestou, antes lhe deu todas as provas de confiança e afecto.

E o que sucedeu?

Machacaz servido por um brilhante talento, po-lo sempre ao serviço das suas calculadas perfidias, e com uma estudada e medida maneira de escrever e discutir, ele tem feito sempre o jogo que mais lhe convém de momento, anavalhando hoje o que enaltece ámanhã ou vice-versa consoante lhe apetece.

Aplaudindo o sr. Bernardino Machado na adopção de determinadas medidas, engrandece os que hoje as derrogam; falando muito em Liberdade e nas tradições democraticas dos seus, aplaude a ditadura atual, como saudaria ámanhã o advento de D. Miguel com o seu séquito de frades e de verdugos, se ele porventura cá pozésse o pé.

Ao acaso, duma das cartas do *Janeiro*, que lhe dão a bagatela de 100 escudos mensaes, numa subtileza de linguagem envenenada de jesuita, escreve o nosso heroi:

Lisboa, 3 de abril—Sabado, noite alta. Quero vêr se ámanhã, domingo, posso dar um largo passeio, fóra de Lisboa. Escasseiam noticias. Quasi toda a semana tem sido tomada pelas festas da Egreja, que estivéram concorridas como nunca. E' o que dizem todos os jornaes. Não vi. A minha gota e hepatite são inconciliaveis com a multidão. Notei, porém que, como já não acontecia nos proprios tempos da monarquia, quasi toda a gente vestia de preto. Pessoas até que foram para fóra de Lisboa, para Cintra, Cascaes, Estoril, trajavam rigorosamente de luto pesado. Tudo isto impressiona bem, não só pelo caracter tradicional que possue, mas ainda como demonstração de se entrar num periodo de plena moderação e liberdade.

Lá fóra, ou mesmo cá dentro, quem lêr estas palavras ficará naturalmente convencido que a intolerancia e o despotismo do novo regimen chegou até á violencia de não consentir que qualquer cidadão se vestisse da côr que muito bem lhe aprouvésse.

A réles insidia!

Pois em quanto o bojudo... *conselheiro* descobre que só agora ha liberdade de cada qual vestir-se como deseja e quer, não deu pela voluntaria nudez com que exibiu, sem córar, aos olhos de todos os homens de bem, as miserias do seu espirito, as falsidades do seu coração e a repugnancia do seu caracter!

Para nós não foi novidade. Bem nos lembrâmos dele desde os tempos da Liga Liberal, quando por esse país fóra, de gravata encarnada, faina com o Beirão e outros, discursos inflamados de jacobinismo — hoje por ele tão condenado!

Não ha duvida que é um digno rival dos *pardos* cá da terra!...

Necrologia

Em S. Tomé de Negrelos, concelho de Santo Tirso, faleceu no principio désta semana a menina Felicidade Pereira, distinta aluna da Escola Normal désta cidade e sobrinha do professor da mesma, sr. Antonio Pereira, a quem enviâmos sentidos pêsames.

—Deixou egualmente de existir por complicações que lhe so-

breviéram a um parto feliz, a sr.ª D. Celeste Maia, esposa do capitão-medico do quadro de saude de Cabo Verde e Guiné, sr. Gabriel Antonio Cavaleiro, ausente naquele arquipélago.

D. Celeste Maia era uma senhora ainda nova e tinha vindo para Aveiro, donde era natural, aguardar o seu bom sucésso na companhia de sua irmã, a esposa do sr. Reinaldo Torres, em casa de quem, afinal, a morte a veio surpreender.

Lamentando o facto, enviâmos condolencias a todos os seus.

=Tambem morreu por efeitos da doença que o prostou, o antigo servente da fabrica de louça da Fonte Nova, Sebastião de Moraes, conhecido pelo nome popular de *Sebastião da Linda.*

Paz á sua alma.

CORRESPONDENCIAS

Porto Alegre (Brazil), 2 de Março

Na minha ultima correspondencia para o *Democrata* dei a noticia de que ia de perfeita saude a sr.ª Tereza Frias recentemente chegada de S. João de Loure em companhia de seu filho, João de Oliveira. Infelizmente, porém, já hoje temos de noticiar o seu falecimento em virtude da doença de que foi acometida, realisando-se o funeral em que tomou parte grande numero de pessoas amigas de seu filho, aqui muito estimado e com largas relações no comercio.

Paz á sua alma.

— Acaba de abrir nesta cidade uma importante padaria o sr. João Gomes da Silva, natural de Cacia, concelho de Aveiro. Esta padaria fica sendo uma das maiores e mais luxuosas de Porto Alegre. Denomina-se *Tres Estrelas,* vende todas as qualidades de pão e dispondo dum pessoal habilitadissimo e bem educado, está apta a competir com as suas congeneres pelo que felicitâmos o sr. João Gomes desejando-lhe as maiores prosperidades.

— Ha muito tempo que recebo o *Democrata* e a primeira coisa que faço é vêr se traz noticias da minha terra—S. João de Loure—mas sempre em vão. Algum tempo ainda havia lá rapazes que se encarregavam de dar noticias á gente por intermedio dos jornaes, mas agora parece que tudo morreu. Os meus amigos Eduardo e Bonifacio Marques dos Santos eram dantes incansaveis, tomando a peito as cronicas da terra, tão apreciadas cá ao longe; hoje perderam de tal maneira a fala que não mais déram sinal de si. Pois é pena, porque S. João de Loure tinha sempre noticias frescas a dar e não se calcula como nós, que estamos longe, nos enchemos de contentamento quando vimos correspondencias da terra que nos foi berço.

Oxalá alguem apareça a satisfazer os nossos desejos.

José da Silva Abreu

Anadia, 28 de março

A Câmara Municipal deste concelho, em uma das suas primeiras sessões plenarias, no principio do proximo mez, vai protestar contra a ditadura que está a emporcalhar a politica portuguêsa, sendo assim solidaria com a câmara de Lisboa e todas as outras que teem cumprido o seu dever.

C.

Alquerubim, 29 de Março

No dia 27 do corrente esteve nesta freguezia o sr. Augusto Cezar Brochado Brandão, distinto oficial de infanteria, encarregado da instrucção militar preparatoria no distrito de Aveiro, zona norte. Sua Ex.ª veio assistir aos exercicios dos mancebos de 10 a 16 anos, realisados na escola oficial. Estavam mais de 200 creanças quando o sr. tenente Brandão entrou com toda a delicadeza, como é seu costume. Fez uma linda prelecção aos alunos. Em seguida retirou satisfeito com o resultado dos exercicios.

Pela nossa parte agradecemos as atenções que nos dispensou e a maneira lhana com que falou a todos os que hão-de constituir os homens de ámanhã.

Tambem gostou da limpeza corporal dos alunos, que costumam apresentar-se na escola com as unhas e cobelos cortados e bem lavados, como é proprio de gente que se présa.

— Continuam alagados os campos marginaes do Vouga. Os lavradores estão descontentes com o inverno, que já parece a oitava praga do Egito...

C.

Ois da Ribeira, Agueda, 5

Os reaccionarios ficaram surpreendidos por não recebermos em nossa casa por ocasião da visita pascal o abade que veio para Ois unica e simplesmente para lhes manobrar a politica. Os reaccionarios continuam na lua, julgando que somos incoerentes, que não respeitâmos os principios ou que não temos sentimentos, acima de tudo. Em nossa casa só entram pessoas amigas, quer da terra ou de fóra, mas nunca o abade que para aí está á imagem e semilhança da talassaria, porque não temos por ele a menor simpatía jámais depois do que ultimamente se tem dado e que não honra nada a classe a que pertence. Ainda temos na memoria a pouca prudencia com que ele uzou ou os seus apaniguados, a quando da entrega dos objectos do culto, batendo malcreadamente com a porta da sacristia, como que a fazer pouco de cidadãos que teem orgulho de serem honestos.

Ainda é muito cedo para esquecermos as arruaças que fizeram em nome de uma religião de paz e amor, tocando as raias da mais crassa ignorancia, pagando, segundo se consta, o abade para incitar á revolta o povo fanatico, algumas duzias de foguetes, tudo para apeziguar... Não nos esquece com facilidade a fantochada que se fez na egreja porque dentro déla tivésse entrado um padre que respeita as leis do seu país, e muitos individuos honrados, que o abade dos talassas têve a petulancia de informar que eram anti-catolicos! O abade hade convencer-se de que nem todos somos escravos dos seus caprichos, e que não veio para aqui lidar com pretos estupidos. Ainda é cedo, santissimos talassas! Cuidae das vossas almas e nunca vos preocupeis com a alma dos outros. Nós, afinal de contas, não queremos dizer que não colaborassemos com qualquer padre, se não vissemos que tudo o que se tem passado nésta terra, é uma perfeita fantochada politica. Mas como este caso se dá, só temos a dizer: o abade dos talassas, ao largo!

=Os leitores devem conhecer aquele secretário da Junta de Paroquia que já esteve em identico lugar quasi 30 anos no tempo da monarquia, e que por sinal os republicanos não meteram na cadeia por comiseração, visto que não tinha sequer um documento pelo qual mostrasse aonde tinha sido gasto o dinheiro do povo. Pois senhores: dizem que o figurão apezar da sua situação tambem mete bedelho quando a Junta está reunida, pretendendo sempre enxovalhar cidadãos acima de toda a suspeita.

E' o caso: porque a Cultual não entregasse um banco da egreja, mas que em compensação deu objectos a mais e de maior valor, o maroto, junto com o presidente, exarou na acta a ignobil porcaria, como se isso de alguma coisa valesse.

Figurão, que nem ao menos te lembras que ainda não ha muitos dias foste desautorado em pleno tribunal por prestares contas de uma procuradoria, que eram um escandalo!... E é isto que pretende, a toda a hora, enxovalhar a honra alheia. O maroto...

=Chegaram ha dias do Rio de Janeiro, aonde foram tratar dos seus negocios, os nossos amigos e correligionarios srs. Alberto e Jaime Marques.

=Tem estado entre nós, os nossos amigos Diniz Pires da Silva, e Luiz de Almeida Santos.

=De visita a sua familia, esteve aqui ontem, o nosso bom amigo, sr. Amadeu Soares, mui digno guarda livros da Companhia eletrica de Ovar.

=Tambem veio passar as férias da Paschoa o sr. Claro de Almeida, professor na Pampilhosa do Botão.

=Está um pouco encomodada a esposa do nosso velho amigo, sr. Joaquim Antonio Pires Soares.

=Deu-nos o prazer da sua visita, com alguns amigos, o correligionario Antonio Nunes de Souza, digno administrador da *Independencia de Agueda.*

C.